

O Ecumenismo e a Doutrina Social

Pe. Douglas Pinheiro

O ecumenismo possui diversas esferas de atuação, e uma delas é a atuação social, mas, para chegarmos ao ponto de falar sobre o ecumenismo e o seu campo de incidência social, vamos procurar entender o que é o ecumenismo em si, pois se não soubermos de fato o que a Igreja pensa sobre ecumenismo não conseguiremos fazer a síntese entre ecumenismo e incidência social e os princípios da Doutrina Social.

Quando trazemos à mente alguns dos princípios fundamentais da Doutrina Social, automaticamente lembramos dos conceitos que porventura nós já imaginamos ser o ecumenismo, princípios, por exemplo, como o princípio do bem comum e como o de participação, entre outros. Tudo isso denota unidade, denota comunhão, esforço mútuo de todas as instituições sociais que devem trabalhar e caminhar juntas; e não estão isentas deste caminho as instituições religiosas, sobretudo as cristãs.

O problema é que pensar nos princípios, para pensar no ecumenismo, ou seja, para pensar no caminho inverso, pode dar a entender que o católico que está preocupado com o compromisso social está motivado ao ecumenismo por motivações sociais, do tipo: “Vamos dialogar com os cristãos, vamos procurar andar em comunhão com outros cristãos porque nós temos interesses sociais comuns, porque temos de implantar o reino de Deus no bairro, na cidade, no estado, e então por isso vamos nos esforçar por estar juntos”. Desculpe-me, mas essa motivação não é suficiente. A motivação para o ecumenismo não é social. A dimensão social do ecumenismo será uma

consequência, mas não pode ser uma causa. A causa do ecumenismo é anterior, e é por esta causa que vamos começar lançando os fundamentos teológicos, os fundamentos mais básicos daquilo que é a motivação ecumênica.

Eu sei que, quando dizemos a palavra ecumenismo, a primeira coisa que vem à mente de muitas pessoas são aqueles encontros que, com o perdão da expressão, são um “porre”, um tédio de semana de oração pela unidade dos cristãos, lendo aquela folhinha, e todo o mundo ali numa atmosfera tensa, olhando para a cara do pastor, olhando para a cara de um padre ortodoxo, e fica aquela coisa de que nós fazemos porque temos de fazer para cumprir a agenda da CNBB ou do regional. É uma coisa tão entediada que nos encontramos apenas uma vez por ano com esse povo e não queremos mais saber de encontrá-lo, essa que é a verdade. Vamos ser bem sinceros, e começar a destruir aqui os ídolos, as imagens falsas de ecumenismo, pois eu mesmo tive ojeriza durante muito tempo a essa expressão, ou a qualquer coisa que tivesse a ver com ecumenismo, justamente porque são essas coisas o que nós temos em mente. Achamos que ecumenismo é uma espécie de tolerância, vamos nos tolerando, nos suportando porque não tem jeito, já há um bando de crente gritando pelo bairro, ocupando as nossas ruas, e então vamos fazer a política da boa vizinhança, vamos nos respeitar... E o ecumenismo fica nesse nível epidérmico, supérfluo, superficial, de respeito, boa vizinhança, amizade... E algumas pessoas entendem ecumenismo como uma espécie de neutralidade, como quem diz: “Olha, vamos nos encontrar aqui, eu evito falar no que eu acredito e você evita falar no que você acredita, para a gente não brigar”, ou seja, o ecumenismo na cabeça de muitos, além de ser uma tolerância, é um espírito de trégua. A trégua é uma espécie de oásis numa atmosfera de guerra, o comportamento comum é o de guerra, mas como nós cansamos de guerrear, e assim vamos dar uma trégua. Mas a trégua é parcial e temporária, não permanente, pois se fosse permanente não seria trégua: seria paz. Portanto, desculpem-me, mas ecumenismo não é nada disso. O

ecumenismo não se reduz a esses encontros, a essas celebrações de unidade, para lermos na folhinha uma versão adaptada do Pai-Nosso, ou do Credo distorcida. O ecumenismo não é tolerância, não é um pacifismo, o ecumenismo não é essa coisa colorida.

Durante muitos anos eu ia, e vou até hoje, àqueles encontros promovidos pelos regionais que sempre promovem encontros que duram um final de semana sobre o ecumenismo, e mesmo a esses encontros vão pessoas com conceitos de ecumenismo distorcidos, que fazem nesses encontros uma espécie de convivência ingênua do tipo: “Aqui as divisões não existem, aqui nós somos um”, e ficam cantando mantras: “Onde reina o amor, fraterno amor...”, uma coisa meio “Eu te amo, você me ama...”. Precisamos parar com essa ingenuidade, pois o ecumenismo não é ingênuo. Há divisões ainda sim, existem diferenças, sim, não estamos declarando que isso acabou, estamos lutando para que acabe, é diferente, é outra postura.

Quero passar para vocês algo do que eu tenho lecionado nesta parte de ecumenismo enquanto motivações teológicas. Claro que não tenho a pretensão de esgotar o tema. Nos últimos dois anos eu lecionei esta disciplina de maneira semestral, mas vou na medida do possível procurar injetar o conceito adequado de ecumenismo.

A partir de agora eu vou mudar um pouco a palavra, pois a palavra ecumenismo nós utilizamos para nos referir ao movimento moderno de busca de unidade dos cristãos. São os movimentos modernos como CONIC, MOVIC, Conselho Mundial de Igrejas. Enfim, geralmente se usa o termo ecumenismo para se referir a esses movimentos modernos, sobretudo do século XX para cá, e o ecumenismo é anterior a esses movimentos, é um comportamento. Portanto, eu vou me referir aqui ao que nós chamamos de ecumenicidade, que é um comportamento, e o ecumenismo é o movimento no qual exercemos esse comportamento. Ecumenicidade é o comportamento em si. Eu posso não estar necessariamente envolvido num movimento sistematizado, associado, para promover encontros, retiros, celebrações,

e, no entanto, posso ter um comportamento que deseja unir os cristãos, lutar pela unidade dos cristãos.

A ecumenicidade tem dois fundamentos teológicos, e um deles é a eclesiologia, que é como a Igreja se entende a si mesma à luz da revelação. É preciso entender Igreja no sentido mais cristológico possível, ou seja, como Cristo pensou a Igreja. Nós cremos que Jesus pensou a Igreja; nós, como católicos, não cremos que Jesus não pregou a Igreja como alguns dizem. Inclusive alguns clérigos, quando dizem que Jesus não deixou Igreja, que Jesus pregou o reino de Deus, que a Igreja foi algo que nós criamos para tentar implantar o reino...; mas isso não é verdade de fé! Jesus quis, pensou e criou a Igreja. A Igreja não é obra humana, e sim instituição divina. Cristo desejou a Igreja, pensou a Igreja, sonhou a Igreja. A eclesiologia vai se incumbir de estudar a essência da Igreja, o que é a Igreja em si mesma, não o que é a Igreja a partir das concepções externas, como o mundo a vê, como a sociedade a vê. O primeiro fundamento é este: precisamos compreender como Cristo pensou a Igreja.

Deus pensou a Igreja desde o princípio da criação, e isso vamos encontrar na Constituição *Lumen Gentium*, no Catecismo da Igreja. Deus pensou a Igreja desde o princípio da criação, no sentido de que, quando Deus criou o ser humano para participar da sua vida divina, Ele pensou uma humanidade que participasse da sua vida. Deus criou o ser humano para o relacionamento com Ele, para amar o ser humano e ser amado por ele, e essa dialética de amar e ser amado vem da própria essência de Deus. Deus criou o homem para ser assim com ele porque Deus em si mesmo é assim. Deus em si mesmo são três Pessoas, uma Trindade, e essas Pessoas da Trindade são pessoas que amam a outra num amor pessoal, ou seja, o Pai, que é o amante, ama o Filho, que é o amado, e esse amor que une os dois é uma terceira Pessoa, o Espírito Santo. Ora, se Deus em si mesmo é assim, a essência de Deus é o relacionamento entre pessoas; logo, ao criar a humanidade, essa humanidade criada à imagem e semelhança de Deus, reproduzirá nos seus relacionamentos o que é o relacionamento divino. Então,

se Deus é comunhão, relação de pessoas em amor eterno, o que será a humanidade no pensamento original de Deus? Pessoas que se amam e amam a Deus. A humanidade foi feita para isso. Uma humanidade ordenada a participar da vida de Deus, e no fundo isso é a Igreja.

Claro que nós não podemos olhar para as primeiras páginas do Gênesis e dizer que ali já há uma Igreja. Na verdade, se o pecado não tivesse entrado na história humana, diríamos que a humanidade toda seria uma grande Igreja, ou seja, a humanidade toda seria comunhão de pessoas em comunhão com Deus. Talvez nem teríamos a palavra Igreja no vocabulário, mas estamos falando de uma história na qual o pecado já entrou, já corrompeu, e então a Igreja foi necessariamente criada por Deus para resgatar o plano original. Se a humanidade nunca tivesse se corrompido, não teria existido a necessidade de resgatar o plano original, pois ele ainda estaria em voga, e nesse sentido toda a humanidade estaria em comunhão com Deus e todos em comunhão entre si. Ela já seria o que hoje a Igreja deseja ser, o que a Igreja hoje deve ser.

Acontece que Satanás atuou e o pecado entrou na história, e infelizmente o ser humano se corrompeu no plano original, e aquele ser humano que era imagem e semelhança deixa de ser semelhante, embora ainda seja imagem: essa é antropologia cristã. O ser humano depois do pecado ainda é imagem de Deus, e podemos encontrar essa expressão em diversos documentos sociais, porque o princípio de salvaguarda da vida, a dignidade humana, lança raízes na natureza humana que em si mesma é imagem de Deus. Mas somente encontramos esta expressão: imagem de Deus, *imago Dei*, nunca imagem e semelhança de Deus, pois a semelhança foi perdida com o pecado. Ela é resgatada no batismo, mas foi perdida.

Algumas pessoas se atrapalham em entender a diferença entre imagem e semelhança, e por isso a vamos explicar. Nós podemos ter uma imagem de gesso, como a Padre Beato Adolfo Kolping, por exemplo; podemos ter também uma foto do Padre Adolfo Kolping que mostra como ele realmente era na sua fisionomia. A imagem de

gesso pode ser mais ou menos semelhante àquilo que era o rosto original, mas a imagem é bastante semelhante. Vamos supor que na imagem de gesso se quebrasse a mão, ou o pé, ou o nariz, ou que alguém riscasse o rosto... Ela continuaria a ser uma imagem do Padre Adolfo Kolping, mas estaria estragada sua semelhança com o rosto original; ela continuaria a ser imagem, mas menos semelhante. Como uma imagem de Nossa Senhora, que às vezes olhamos e pensamos: “Nossa, que imagem linda!” Ou seja, remete à beleza que há em Maria. No entanto, há umas imagens de Nossa Senhora ante às quais mais pecamos do que rezamos, pois são uma coisa horrorosa, saímos assombrados. Podemos dizer que são imagens, pois algo nelas diz que são imagens de Nossa Senhora: têm manto, têm coroa, mas são feias, são horrorosas. Outro dia eu vi um crucificado que parecia Jô Soares, uma coisa horrível: vemos uma cruz, uma pessoa de braços abertos, ou seja, é uma imagem de Jesus crucificado, mas não é semelhante.

O ser humano nunca deixou de ser imagem de Deus, essa é a natureza humana, a essência, para usar a expressão teológica: nós somos ontologicamente imagem de Deus, isto está no nosso ser. Não é possível o ser humano não ser imagem. O problema é que nós somos uma imagem sem semelhança, já não nos parecemos depois que o pecado entrou no mundo. Nós somos imagem de Deus porque somos capazes de amar, por exemplo, mas temos muitas atitudes de desamor, e essas atitudes não têm semelhança alguma com as atitudes divinas. Logo, embora sejamos imagem, somos imagem dessemelhante.

A imagem quem fez foi Deus, e Ele não desiste da sua obra, e ao longo da história da humanidade tem iniciativas em direção ao ser humano para restaurar essa imagem. E ele vai empregar todos os meios possíveis até que a imagem dê aderência a esta restauração.

Antes de entrar no seminário para ser padre, fui restaurador de obras de arte durante três anos e trabalhei num ateliê. Nós recebíamos o material quebrado e utilizávamos todos os materiais possíveis, pois às vezes uma peça não aceitava uma massa, não aceitava uma cola, e nós íamos tentando, e aquilo me remetia a Deus na história da

humanidade. Deus incansavelmente tentou alcançar o ser humano até concluir uma obra de restauração perfeita. Ele elegeu os patriarcas, elegeu os profetas, e nos últimos tempos mandou o seu Filho. É o que diz o próprio Jesus em uma parábola: “Um homem foi a uma terra distante e no tempo da colheita ia mandando empregados para pedir os frutos da colheita, e rejeitavam um, matavam outro, e o filho também mataram”. Essa é uma figura do esforço de Deus na obra de salvação. A obra de salvação agora para nós implica uma restauração do ser humano para que novamente ele possa ser um interlocutor do amor divino, possa corresponder à altura desse amor divino, pois para isso nós fomos feitos; não fomos feitos para absolutamente mais nada.

Orígenes, que era um Padre da Igreja, tinha uma teoria que nunca foi refutada pelos concílios, pela Igreja, razão por que vale a pena mencioná-la. Dizia ele: “Ainda que o pecado não tivesse entrado na história humana, mesmo assim nós necessitaríamos de salvação”. Nós não necessitaríamos de redenção, mas de salvação, sim. Salvação é o ato de Deus de revelar-se e de aperfeiçoar, plenificar o ser humano. O ser humano é feito capaz de Deus, propenso ao amor de Deus, mas mesmo antes do pecado Deus daria a se conhecer, e isso é ilustrado no Gênesis, em que Deus descia constantemente ao Jardim para se entreter com o homem. O Catecismo da Igreja diz que o ser humano foi feito em estado perfeito, porém inacabado. Deus iria aperfeiçoando, ainda mais, a obra da criação, e foi no processo de aperfeiçoamento que o homem se desviou. Portanto, ainda que o pecado não tivesse entrado no mundo, nós necessitaríamos da vinda de Deus, da comunicação d’Ele conosco. Acontece que, uma vez que o pecado entrou, para Deus poder se comunicar Ele precisa aniquilar, cancelar os efeitos do pecado, e isso se chama redenção, ou seja, expiar os pecados, tirar os pecados. Portanto, a partir de agora a salvação reivindica a redenção. Deus já não salva sem redenção. Se o pecado não tivesse entrado no mundo, ele salvaria sem precisar redimir, pois não existiria pecado. Mas agora há, e para nos salvar é necessário que Ele nos redima, e para isso Deus mesmo foi se manifestando ao longo da história,

se submetendo às categorias humanas para que o ser humano pudesse conhecê-Lo; e finalmente Ele manda o Seu Filho, Jesus Cristo: Deus mesmo, na Segunda Pessoa da Trindade, se faz homem e agora fala de viva voz ao ser humano de si mesmo. Jesus é Deus falando de si aos homens em linguagem humana, e, quando digo que Jesus é Deus mesmo falando de si, não estou dizendo que Jesus é Deus falando de si apenas com palavras. Jesus todo é revelação de Deus, não só o que Ele diz. Jesus em si mesmo, Ele todo é revelação, os seus atos são revelação, o estilo de vida vivido por Jesus revela o desejo de Deus para com a humanidade.

Olhando para Jesus, para o Jesus narrado nas páginas do Evangelho, vemos um homem que desejou cercar-se do pior tipo de gente que tinha para a partir daquele pior tipo de gente formar o seu povo. Então encontramos no grupo dos discípulos de Jesus praticamente a humanidade do tempo de Jesus toda representada; temos antíteses sérias no grupo dos apóstolos, por exemplo, temos Simão, o Zelote, e Mateus era cobrador de impostos. Os zelotes eram um grupo que dominava a Palestina que queria fazer oposição armada, fazer guerra, fazer frente a Roma, e Simão era zelote. Por outro lado, Mateus era cobrador de impostos, era aliado dos romanos. Vejam só, um zelote e um cobrador de impostos no mesmo grupo de Jesus. Que homem é esse que é capaz de unir opostos? Que congrega num único grupo, num único povo, aquilo que era inconciliável; e Jesus une em si. Jesus cumpre aquilo que diz Paulo na Carta aos Efésios 2, 14: Cristo quebrou em si, destruiu em si o muro que nos separa. Jesus mesmo reconcilia homens absolutamente divididos pela sua ideologia, pelos seus pontos de vista, pelas suas perspectivas pessoais. E faz isso tirando os homens dessas perspectivas e trazendo-os para Ele. Simão era zelote e deixa de ser, assim como Mateus era cobrador de impostos e deixa de ser, ou seja, enquanto ambos permanecem no estado de vida anterior não há reconciliação, é necessário rejeitar, renunciar, para que em Jesus haja unidade perfeita. Jesus é o vínculo perfeito entre

os homens, Jesus reconcilia perfeitamente a humanidade. Ele é capaz disso.

Esse grupo dos apóstolos é o que chamamos de Igreja, e estamos aqui até hoje como extensão daquele grupo. Isso é a Igreja, os homens reconciliados em Cristo, é a humanidade reconciliada em Cristo em duplo aspecto: os homens reconciliados todos com Deus, e todos reconciliados porque estão reconciliados com Deus. Talvez nós nos odiássemos, mas Cristo nos conquistou e n'Ele nos encontramos e paramos de nos odiar. Se não fosse Ele, isso seria impossível.

Existe uma referência sutil na teologia dos Evangelhos, se não me engano no Evangelho de São João: num versículo o Evangelho diz que durante o processo de julgamento de Jesus, em que Pilatos julga mas não quer condenar, e o manda para Herodes que não quer condenar e o manda de volta: “Naquele dia, Pilatos e Herodes voltaram-se a se falar”. Ainda “lascando-se”, Jesus reconcilia Pilatos e Herodes. Que grande mistério está por trás da pessoa de Jesus!

A Igreja é a humanidade reconciliada com Deus. Não a humanidade toda, mas a humanidade que aceitou, pois, se a humanidade toda já estivesse reconciliada como num passe de mágica, não estaríamos vendo o que vemos hoje, quando basta sair para ser assaltado. A Igreja é aquela parcela da humanidade que aderiu, que quer restaurar em si aquela semelhança divina, ou seja, que quer voltar a ser pessoa que ama a Deus e por causa de Deus ama o próximo.

Agora quero chamar a atenção para o segundo aspecto; a eclesiologia é o primeiro aspecto para chegarmos ao ecumenismo. Que elemento aglutinador operante é esse que Jesus usa para reconciliar os homens? O que está fazendo os homens se reconciliarem?

Eu já li todo tipo de teoria sobre isso. Há teólogos modernos que dizem que Jesus tinha uma proposta mais sedutora. Não tinha, não! Desde quando Jesus tinha uma proposta sedutora? Ele dizia: “Quem quer me seguir renuncia a si mesmo, toma a cruz, vende tudo o que tem e dá aos pobres”. O que há de sedutor nisso? Nós, que somos cristãos, aceitamos com dificuldade a mensagem da cruz, e vêm

agora esses teólogos modernos dizer que Jesus tinha uma proposta de fraternidade, de justiça. Na perspectiva humana, não tinha nada de muito justo, não; vemos é um Jesus dizer a uma cananea: Sai daqui cadela, não convém cachorro comer o que é para ser dado aos filhos. Isso está no Evangelho de Mateus; é um Jesus dando “patada”, dando chicotada no templo, xingando os fariseus de víboras, hipócritas. Não havia essa coisa de que Ele acolhia a todos... E os fariseus? Não eram gente também? E ele dava “pancada”! Esse Jesus muito doce que as pessoas pintam não corresponde muito com o Evangelho. Eu li uma autora há pouco tempo que fez as contas, e mostra que Jesus diz a palavra inferno mais do que a palavra céu. Ele adverte muito mais do que “passa a mão na cabeça”, abraça, dá beijinho. O que em Jesus atrai essa gente? Simão, o Zelote, era um homem da peixeira, era um homem violento, andava com uma faca, e outro nome que se dava a esse grupo era grupo dos sicários, por causa de um instrumento que eles usavam: o sicar era uma adaga específica que se usava para lutar. O que fez esse homem largar a adaga, largar a espada, e se unir a Jesus? Foi uma mensagem bonita?

E Mateus, que era podre de rico, pois tirava o dinheiro dos outros? E Zaqueu, que também era muito rico? O que é isso que há em Jesus, que sai de Jesus, e faz uma pessoa rica largar tudo o que tem e dá-lo aos pobres? Nós, dentro da Igreja, querendo ganhar na Mega-Sena, enquanto aquele povo que andava com Jesus queria era desfazer-se do dinheiro, não queria ganhar: queria dar. A lógica era outra. O que em Jesus muda a mentalidade do ser humano? Há algo em Jesus que muda o ser humano, e esse algo é uma Pessoa chamada Espírito Santo. Nós, do Ocidente, infelizmente, temos uma teologia muito pobre do Espírito Santo por causa de uma mentalidade do Medievo para cá: há um cristocentrismo. Não que isso seja ruim, pois é claro que Cristo é o centro; mas é muito difícil falar da eficácia da mensagem do Evangelho sem teologia, sem um discurso sobre o Espírito Santo. Então, esta é a segunda base da qual vamos partir para entender o ecumenismo, a pneumatologia. A pneumatologia é o discurso sobre

o Espírito Santo, o modo como a revelação explica a Pessoa do Espírito em si e a ação do Espírito no mundo, no ser humano e na Igreja.

Sem o Espírito Santo Jesus não passa de uma mensagem bonita; sem o Espírito Santo tudo o que Jesus fez não passa de um evento histórico isolado nas páginas de dois mil anos atrás. Ele pregou, deu a vida, morreu na cruz, ressuscitou, subiu aos céus, está à direita do Pai... e daí? Sorte d'Ele que ressuscitou; nós não, nós ficamos velhos, estamos "lascados", vamos morrer e apodrecer debaixo da terra... O que tem a ver a ressurreição d'Ele conosco? O que a ressurreição d'Ele, que era Deus, nos garante? Esses são os questionamentos que o ser humano pode fazer quando pregamos Jesus somente como mensagem. Podemos dizer que vamos seguir o que Jesus pregou e o mundo será melhor, nós seremos mais felizes... O homem moderno vai dizer: "Feliz onde? 'Lascando-se' desse jeito que vocês querem propor, dar tudo aos outros, amar todo o mundo, beijar a cabeça do inimigo, amar o inimigo, que negócio é esse? Eu quero mais é socar a cara do inimigo, não amar o inimigo... Eu quero é me garantir, pois a farinha está pouca no mundo, meu pirão primeiro". O mundo moderno é assim!

Se for para anunciar uma mensagem apetecível, uma mensagem atraente, desculpem-me, mas do ponto de vista de mensagem há outras mais atraentes. Vão ser espíritas, por exemplo, pois o espiritismo tem umas conclusões muito simpáticas para explicar a realidade. Se for por mensagem, vamos para o espiritismo, ou então vamos ser budistas: o budismo também tem uma mensagem de iluminação, de purificação, de paz... Mensagem por mensagem, se for colocá-las para correr no pódio, a mensagem cristã vai ficar atrás em muitas coisas. O cristianismo não se reduz a uma mensagem. Há algo aqui de místico, de sobrenatural, de espiritual que tem feito há dois mil anos o ser humano dar a vida por um absurdo, pois a mensagem cristã é absurda! Dar a vida, deitar-se na cruz, amar a alguém mais que a si mesmo, amar a Cristo mais que à própria vida...

O que foi que os apóstolos ganharam pregando a mensagem da cruz e da ressurreição? Foram crucificados, degolados, decapitados, queimados vivos, jogados às feras. Foi isso o que eles ganharam! Que loucura é essa?

Não sei se vocês estão entendendo as respostas às perguntas óbvias que estou fazendo, mas do ponto de vista da mensagem o cristianismo não vale a pena. Há alguma coisa além da mensagem, e quem diz que coisa é essa é o apóstolo Paulo inúmeras vezes na Sagrada Escritura. Na Segunda Carta aos Coríntios, por exemplo, ele diz: “Quando eu fui até vós, não me vali de discursos e eloquência, mas me vali da unção do Espírito Santo, que se manifestou no meio de vós com poder, com curas, milagres e prodígios”. Portanto, ele não se valeu da mensagem. Então, quando eu ouço a mensagem da cruz, posso pensar que isso foi uma idiotice. Mas de repente algo acontece no ser humano, uma força vem sobre ele, e ele misteriosamente adere àquilo ali, e por mais absurdo que seja isso ele se realiza aí. Você, que é cristão convicto, sabe do que estou falando. Se você não sabe do que estou falando, comece a rezar, pois certamente não fez ainda a experiência de Jesus.

Experiência de Jesus é isto: “Não sei a loucura, não acredito que estou fazendo isso...” Você começa a amar a Jesus, a Igreja e o Evangelho mais que a tudo e a todos. Não estou dizendo que você deixa de amar, você não deixa de amar ninguém, mas não consegue amar ninguém neste mundo mais do que a Ele, de modo que você se percebe absolutamente capaz de dizer, se lhe fosse perguntado: “Filho, você ama mais a seu filho ou a mim?” Você responderia: “Senhor, pegue esse moleque para o senhor, pois eu quero viver para o senhor”. Isso é loucura, não instinto humano; é algo que nos faz mais do que humanos: é o Espírito Santo! Uma força. Uma Pessoa muda a mentalidade do ser humano.

É necessário que o Espírito Santo seja compreendido e acolhido por nós justamente para que Cristo na sua mensagem, na sua revelação, tenha efeito sobre a humanidade. Jesus sem o Espírito Santo foi

um homem que viveu há mais de dois mil anos, mas, se eu tenho o Espírito Santo, Jesus é real, presente e vivo dentro de mim. Ele não bateu à porta de casa, Ele não tocou a campainha, Ele não me adicionou no Facebook, ele não me mandou mensagem no *WhatsApp*, eu não O vi andar pelas ruas, mas dei a vida por Ele. Que loucura é essa? Na verdade, eu conheci Jesus por meio do Espírito Santo. O Espírito é a Pessoa que revela Jesus, e portanto Jesus não é uma personagem desconhecida, pois o Espírito de Deus, o Espírito de Cristo nos revela. Ele não é um fato passado, Ele não é “o cara lá de cima”: Ele é real, é presente, e eu O conheço, eu tenho relacionamento com Ele, pois é o Espírito o que estabelece esse vínculo.

Sem o Espírito Santo a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus são apenas fatos históricos. No Espírito Santo a paixão e a morte são atuais, pois agora é a minha vez, Ele deu a vida por mim, e agora eu dou a vida por Ele. E é o Espírito o que me faz ler toda a minha realidade em chave pascal, ou seja, em tudo o que passo, em tudo o que sofro, vejo cruz, vejo ocasião para ser obediente ao Pai, para amar ao Pai, para me entregar ao Pai. Por isso, o que para o mundo é um fardo, um peso, para mim é cruz, é sacrifício, é oferta, e a ressurreição não é uma sorte de Jesus, como dissemos anteriormente quanto aos questionamentos do homem moderno. A ressurreição também é o meu galardão, o meu penhor, a minha herança, como vemos em Romanos capítulo 8: “Se o Espírito que ressuscitou Jesus dos mortos está em mim, então também eu serei ressuscitado dos mortos”. É por causa do Espírito que eu não tenho medo da morte. Era isso o que levava os cristãos a não temer os algozes; eles não tinham medo das feras, não tinham medo das chamas, não tinham medo de nenhum tipo de mal ao seu corpo, como se dissessem: “Podem vir. Vocês matam, mas o Espírito que está em mim vai me trazer de volta, vou ressuscitar”. Então, somente o Espírito Santo capacita para uma loucura como essa, e é o Espírito Santo quem realiza nos discípulos o que Ele realiza na Trindade.

Agora, portanto, posso responder a vocês o que em Jesus faz com que Simão deixe de ser zelote, Mateus deixe de ser cobrador de impostos, e os dois se amem, apesar do passado de oposição. É que agora existe entre os dois uma Pessoa, o Espírito Santo. Cristo lhes dá o Espírito Santo, pois, assim como na Trindade o Pai e o Filho são unidos pelo Espírito, quando esse Espírito se derrama entre os homens, Ele realiza entre os homens o que realiza na Trindade. Se na Trindade Ele une pessoas, quando vem sobre os homens Ele também une pessoas, Ele cria vínculos. Uma pessoa não pode ter vínculos eternos, permanentes, cristãos, sem o Espírito Santo. E o contrário também é verdade, não é possível ter o Espírito Santo sem criar vínculos, sem amar o irmão, apesar do que ele era ou do que ele é. Eu amo meu irmão porque ele tem em mim o amor: o Espírito Santo é o amor entre o Pai e o Filho que foi dado ao homem. Portanto, agora eu tenho em mim o amor. Eu não amo você porque você nutre em mim o amor; eu amo você porque o Amor está em mim. De tal modo que a razão de eu amar o meu irmão não está nele, está em mim. O Espírito me impele a você. Pode ser que você me odeie, pise em mim, me calunie, minta, mas eu continuo a amar você, pois o Amor está em mim, e eu não posso não amá-lo. E o amor não é algo que eu sinto, como no amor de novela, de filme, um arrepio, uma excitação... O amor é uma decisão que vem do interior, porque uma Pessoa que é amor habita em mim. O amor não é um sentimento, o amor é uma Pessoa, pois o amor não é algo que Deus tem: o amor é aquilo que Deus é! Deus é amor! De modo que Deus não pode não amar, assim como o fogo não pode não ser quente e a água não pode não molhar. Você já viu um fogo frio? São duas realidades incompatíveis, assim como a frase mais idiota e absurda que existe é “Deus não me ama!”. É o mesmo que dizer: “Ah! esse fogo é frio”. É um atentado contra a natureza da coisa. Como Deus não o ama? Há alguma coisa estranha em você, há alguma coisa errada em você, porque não há como Deus não amar: amor é o que Deus é! Ele nem ama menos, nem ama mais, Ele ama eternamente. Nada que você faça pode fazer Deus amá-lo mais, é

impossível Ele amá-lo mais, e nada do que você faz vai fazer com que Ele o ame menos, não há como, pois o amor em Deus é imutável, ou seja, Ele não muda.

Agora vamos juntar as duas coisas: a pneumologia e a eclesiologia.

A Igreja, comunidade humana, com seres humanos reconciliados em Cristo, unidos pelo Espírito Santo: é o Espírito o que torna a Igreja possível, só Ele. Os seres humanos não possuem tendência natural a se unirem gratuitamente. Na condição de pecado, o ser humano não tem uma condição natural para estar junto com os outros gratuitamente; o ser humano acaba se associando com o outro para atender a interesses pessoais. O ser humano em condição de pecado é egoísta e prefere ficar sozinho. Acontece que sozinho é difícil matar a fome, é preciso se unir para caçar, por exemplo, então nós nos unimos porque você precisa comer e eu também. Por mim eu ficava sozinho, e você também, mas, como não dá, então nós juntamos. Sozinho tampouco ninguém perpetua a espécie, e o ser humano tem instinto de reprodução, e, portanto, precisa de alguém para reproduzir.

O Espírito Santo é a argamassa dos cristãos. Sem Ele nós não nos juntamos. Ficarmos juntos ao redor da mensagem de Jesus, da proposta de Jesus, é árduo demais para que nos baseemos nela sem que haja em mim o Espírito que a revelou. Do contrário o cristianismo não seria nada diferente do judaísmo, por exemplo. No judaísmo já havia lei de Deus, já havia os profetas, mas a diferença com o cristianismo é que no judaísmo havia uma lei, eu vejo na lei o que eu deveria ser e vejo em mim o que eu não sou; a lei no fundo me condena, é um dedo apontado para o ser humano. Ela aponta o dedo para mim, e eu me vejo incapaz de cumprir tudo o que está escrito na lei. Porém Paulo diz na Segunda Carta aos Coríntios: “Agora vocês são cartas vivas de Cristo, porque Deus escreveu a lei, já não na tábua de pedra, mas nos seus corações, e não foi com tinta, mas com o Espírito de Deus”. A pneumatologia está toda na Escritura. Nós não temos somente uma lei: temos mais que a lei, temos o legislador da lei dentro

de nós, de modo que o que antes eu fazia por lei, por imposição da lei, agora amo fazer. É isso o que deve ser o cristão.

Vocês já ouviram a expressão de Paulo aos Gálatas: “A lei já não existe para nós”? Ele diz isso no sentido de que nós cumprimos a lei plenamente, e não que a transgredimos. A lei dizia que não se matasse, por exemplo, mas para o cristão não existe essa lei, pois eu não só não mato como promovo vida, gero vida, tenho amor à vida, e quem tem amor à vida não está sob o domínio da lei não matar. Ela nem sequer existe, pois não se precisa dela. Quem precisa da lei é o transgressor. A lei impede o transgressor de passar do limite.

Amar a Deus era algo que tinha de ser imposto pela lei. Mas, estando em mim o Espírito Santo, não é preciso mandar. Nós amamos espontaneamente, damos a vida por Deus. Isso é um cristão. Nesse sentido, já não existe lei para nós, pois ela está cumprida em Jesus, e Ele nos deu o seu Espírito, ou seja, o Espírito que está em Jesus está em mim para que eu seja hoje o que Ele foi no seu tempo histórico.

Foi-nos dado o Espírito, mas ele reside no nosso corpo de pecado, que é como o chama Paulo na Carta aos Romanos no capítulo 7. Vale a pena ler esse capítulo, para entender melhor o que vamos ver nesta parte agora. Embora nós tenhamos o Espírito de Deus, o recipiente desse Espírito, ou seja, nós, ainda está marcado pelas consequências do pecado. O pecado nos foi perdoado por Jesus; o problema são as consequências desse pecado. A consequência é o que nós chamamos de concupiscência, ou seja, embora o pecado não impere sobre nós, ainda temos uma inclinação para ele. O que havia era uma ferida aberta, mas ainda ficou uma cicatriz. A ferida foi fechada, mas há uma cicatriz que até o fim da vida grita de dor.

Outro dia fui visitar a minha mãe, e em certo momento ela soltou um “Ai!” de dor. Eu perguntei o que ela estava sentindo, e ela respondeu: “Ai! minha cesariana!” Eu pensei: “Mas o último que saiu daí fui eu, já estou deste tamanho, e ela está ainda com esse ‘ai! minha cesariana!’” Vejam só, até hoje, trinta anos depois, muda o tempo ou alguma coisa assim, e ela sente uma dor, uma pontada. Ou seja,

para sempre se lembra de que aquele lugar foi rasgado. Ele já não está rasgado, está cicatrizado, mas sabe lá Deus por que nós sentimos espasmos nas cicatrizes. Eu comparo o pecado original a uma grande ferida que foi fechada; mas há em nós uma cicatriz que nos recorda esse pecado, e o problema é que recordar esse pecado é quase um querer revivê-lo. Há algo assim em nós, embora haja o Espírito Santo, o Espírito de santidade, a graça santificante, a graça edificante. Em nós existe como que uma força a puxar para baixo. O Espírito Santo me puxando para cima, e uma força me puxando para baixo. Concupiscência! É a cicatriz, é o homem velho querendo voltar. É a condição velha querendo imperar. Então se começa a entender o que Paulo quer dizer no capítulo 7 da Carta aos Romanos: “Eu sinto em mim duas leis, uma lei do pecado e uma lei da graça, uma lei de santidade, de modo que às vezes quero fazer uma coisa e me pego fazendo outra; eu deixo de fazer o bem que quero e faço o mal que não quero”. Esse é o versículo famoso desse capítulo, pois é o versículo de conclusão. Mas, se pegarmos mesmo o texto para ler, vemos que é um texto confuso, que parece um desabafo de Paulo; é um texto difícil de entender, mas que se simplifica no final: “Não faço o bem que quero e faço o mal que não quero”.

Existem duas forças em nós, a de concupiscência e a do Espírito. Poderíamos discorrer sobre todas as atitudes para as quais a concupiscência nos empurra. Mas quero me deter em uma que é a que nos interessa: aquilo de não se unir. O ser humano, em estado de pecado, tem uma inclinação à divisão. Portanto, onde há gente, vai haver tentação de divisão sempre. No próprio capítulo 5 da Carta aos Gálatas há um texto famoso sobre obras da carne e obras do Espírito, e uma das obras da carne mencionadas é descrita como partidos, facções ou divisões, dependendo da tradução. É como Paulo distingue o ser humano na condição de concupiscência e o ser humano obedecendo ao Espírito que está nele. O ser humano entregue à sua própria concupiscência ele chama de carne. Às vezes as pessoas leem esse texto com limitação teológica; mas, como dizemos obras da carne, as pessoas pensam em

sexo, pois no Ocidente se relaciona carne a corpo. No grego existem duas palavras para referir-se à carne: *sarx* e *soma*. Corpo é *soma*, e daí vem a palavra somatizar: quando temos um problema psicológico e isso aparece na carne, podem aparecer manchas, gastrite; enfim, reflete-se numa doença física. Se fosse só pecado sexual, Paulo utilizaria a expressão *soma*, mas ele usa a expressão *sarx*. *Sarx* é toda carne, não só o corpo humano; mas pode ser a carne animal. O animal é uma criatura entregue aos seus instintos; o que lhe vem à cabeça ele faz. O animal quer se reproduzir, e ele cruza ali na rua mesmo, não tem pudor, não tem vergonha. Ele quer comer e come, não vê se a comida está estragada ou não, se é dele ou não. Se está com sede, bebe, e não importa se a água é limpa ou suja; se é da fossa, ele bebe também. O animal é assim, somente carne, não tem nenhum elemento superior que presida essa criatura. O ser humano sem o elemento superior que o preside torna-se carne: é o ser humano na sua concupiscência. Se olharmos a lista das obras da carne, há também obras sexuais lá, mas não só; há, por exemplo, idolatria, divisão, facção, partido, bebedeira, ou seja, não há na lista somente obras sexuais. Uma das coisas que o ser humano faz, se ele não tiver algo superior presidindo-o – e esse algo superior para nós que somos cristãos é a razão e o Espírito de Deus, e a razão será formada pelo Espírito e pela Palavra –, é tornar-se mera carne, e na carne nossa tendemos a dividir-nos, a separar-nos, a criar confusão, cisão, divisão, partidos, predileções, essa é nossa tendência pecaminosa. O Espírito habita em nós, mas o vaso é de barro. O próprio Paulo utiliza essa expressão na Segunda Carta aos Coríntios: “E nós carregamos esse tesouro em vasos de argila...” É preciso ter cuidado, pois somos quebráveis, corrompíveis. Precisamos cuidar do vaso, cuidar da própria vida, para que não sejamos seres carnis e sim seres espirituais, para que estejamos no Espírito, na vontade de Deus, e sejamos presididos por ela.

Essa tendência sectária, essa tendência à separação, à divisão é tão antiga quanto a Igreja, pois a Igreja é feita de gente. Cristo fez a Igreja com gente. Simão, o Zelote, era gente, Mateus era gente,

Pedro, João, Tiago e todos os outros eram gente. E vejam nas páginas do Evangelho, mesmo com Jesus no meio deles, que eles tinham inclinações a se dividir. Chegam João e Tiago e dizem: Jesus, nós queremos pedir que o senhor faça por nós uma coisa, que arrume um lugar para nós, um à sua direita e um à sua esquerda”, e então Jesus dá a “pancada” e no final da narração diz: “E os outros ficaram indignados porque eles tinham pedido aquilo...” Depois, em outro lugar, indo para Jerusalém no Evangelho de Lucas, Jesus pergunta: “O que vocês estavam discutindo pelo caminho?” O narrador diz que eles não responderam, pois estavam discutindo quem era o maior. Se no meio dos apóstolos era assim... Eu acho engraçado o povo que vai à igreja e há picuinha, briga, fofoca, divisão, e eles acham que isso é um absurdo e querem sair da Igreja. Persevere, filho! Você achou que era o quê? A Igreja é feita de gente. Se você veio para a Igreja para encontrar a paz, veio para o lugar errado, pois em Lucas capítulo 12 está escrito: “Vocês pensam que eu vim trazer a paz? Eu vim trazer a espada”. Ou seja, uma paz que deve ser buscada, edificada, construída, não vem pronta, não. Nem o maná era pronto: no livro do Êxodo está claro que o maná era um grão que amanhecia, e eles tinham de colher, moer e fazer o pão; não era de “mão beijada”, não. E o joio e o trigo crescem juntos, e por isso quem presta e quem não presta está dentro da Igreja, e é para estar! Assim como o maior número de doentes está no hospital, porque afinal de contas é o único lugar onde os doentes podem se curar, assim também o maior número de pecadores imprestáveis por metro quadrado vai estar na Igreja, porque é o único lugar onde podem ser salvos. Já parou para pensar nisso? É na Igreja que a gente se pega, se estranha, mas é na Igreja que aprendemos a amar, a nos perdoarmos, a ter paciência. Isso nós aprendemos com Jesus e os apóstolos, e nós chamamos o grupo dos apóstolos, dos primeiros discípulos de eclesiogênese: é o princípio da Igreja. O que era ali será até a vinda gloriosa na eclesiogênese. Havia rixa no meio deles, eles se dividiam, viviam se dividindo, viviam em controvérsia, em embate. Eles só se uniram mesmo para uma coisa, que foi negar Jesus: então

todos se juntaram e fugiram, correram, negaram, traíram. Para isso eles foram ótimos. Sobrou apenas um, João, e até nisso ele foram divididos, porque um não foi a favor de fugir e ficou lá na cruz, e todos os outros onze fugiram. Para serem infiéis, eles se juntaram. Por isso há um parágrafo do *Compêndio da Doutrina Social* que diz que existe entre os seres humanos uma solidariedade para o pecado. Para nos unirmos para realmente lutar por uma causa, é um sacrifício, mas, para nos juntarmos para fazer o que não presta, não precisamos nem de plano; nós o criamos na hora. Para sermos filhos das trevas, somos mais astutos; para sermos filhos da luz, é que somos morosos – e isso está no Evangelho, foi Jesus quem disse isso.

Existe essa inclinação à divisão na Igreja, desde o começo. O texto mais didático para entender a inclinação dos cristãos a dividir-se é a Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios. Na introdução da carta, Paulo deixa claro que ele está escrevendo aos coríntios para tentar sanar questões sectárias. Já no capítulo 1 ele diz: “Primeiro que vocês estão se dividindo quanto à referência apostólica, uns estão dizendo que são de Paulo, outros de Apolo, outros de Pedro, e vocês brigam por causa disso. Então ponham na cabeça de vocês que nem de Paulo, nem de Apolo, nem de Pedro: nós somos de Cristo! Parem com essa palhaçada!” Depois ele continua: “Vocês estão se dividindo por causa de questões morais”. No capítulo 5 mostra que havia um cidadão que estava roubando a esposa do pai, sua madrasta, e Paulo diz que é para excomungar esse infeliz, pois no meio dos discípulos uns o querem defender, outros são a favor, e ficam se dividindo. Depois ele continua: “Vocês estão se dividindo em torno da ceia do Senhor, uns comem demais, outros comem de menos... Uns trazem o pão e comem o próprio pão, e o pobre que não tem nada que trazer fica com fome; então vocês estão divididos. Vamos parar com essa palhaçada!” Depois continua: “Vocês estão divididos até por causa do que une, que é o Espírito Santo”. Podemos ver isso nos capítulos 12, 13 e 14, que são sobre os carismas, os dons para servir na comunidade. “Vocês têm aí línguas, profecias, ciência, mas vocês se pegam, pois um fala

em línguas, o outro quer falar mais alto, um profetiza, o outro quer profetizar em cima, e o que era para edificar se torna uma desgraça, uma confusão. O que era para ser Pentecostes tornou-se Babel; o que era para ser uma língua única tornou-se uma confusão”. Então Paulo escreve sobre a caridade: “Vocês não se amam, não há amor no que fazem, não há caridade, estão divididos”. E continua: “Vocês estão divididos quanto à doutrina da ressurreição”, pois a comunidade de Corinto está na Ásia menor, na região da Acaia, eram cristãos vindos do paganismo, de religiões gregas, helênicas, e os gregos acreditavam em transmigração das almas, ou seja, na reencarnação com algumas distinções. Uns que veem e conhecem a doutrina sobre a reencarnação creem na ressurreição e esperam, e aqueles que acreditavam em reencarnação não conseguem aderir. Podemos ver isso no capítulo 15. A carta todinha é para costurar divisão. Não resolveu, pois, além de eles ficarem divididos entre si, ficaram divididos contra Paulo, se revoltaram contra ele, e então ele escreve a Segunda Carta, que os teólogos chamam de carta das lágrimas, onde Paulo diz: “Eu escrevi esta carta entre lágrimas porque vocês agora não reconhecem a minha autoridade de apóstolo e se recusaram a obedecer a tudo que escrevi a vocês”. Não resolveu também!

Paulo morreu em Roma, e no século II o Bispo de Roma, que era Clemente, o quarto Papa, escreveu uma carta aos coríntios, e essa carta também fala de divisão, da comunidade dividida. Aquela primeira geração já havia morrido, mas geração pecaminosa gera outra geração igualmente desgraçada. Foi uma divisão tão grande que se acabou tudo. Onde está Corinto hoje? Já não existem essas comunidades, desapareceram todas.

Cristo veio para humanizar o ser humano. Nós usamos uma frase erradíssima nas nossas conversas: dizemos “Eu errei, desculpe, mas errar é humano”. Quem disse que errar é humano? Errar é desumano! Quando eu erro, estou sendo menos humano. O humano é acertar, pois o ser humano foi criado por Deus para acertar, para amar, para ser como Ele; fui criado à imagem e semelhança, então,

quando erro, quando peço, estou me desumanizando, estou sendo menos aquilo que era para eu ser. Acertar é humano, errar é desumano. Dividir é desumano: o ser humano não foi feito para divisão, e, embora ele realize a divisão, não se realiza nela. O ser humano nunca se realizará na divisão. Estamos falando de divisão entre os cristãos, de divisão dentro da Igreja.

A ecumenicidade é o esforço cristão por fazer valer a primeira nota da Igreja. Nota é a definição da identidade da Igreja de Cristo. Portanto, a Igreja para que seja de Cristo tem de ser uma Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica. Estas são as notas da Igreja: Una, Santa, Católica e Apostólica. Não vamos entrar nas outras, vamos falar apenas da primeira nota: Una. Sempre se usou esse termo, mesmo no latim, porque com essa palavra eu digo duas coisas ao mesmo tempo: única e unida. Cristo não criou várias Igrejas, Cristo criou uma única Igreja. O grupo dos discípulos era um grupo. Era Jesus e os seus. A Igreja é única e unida, ou seja, todos os membros unidos entre si. Com a palavra una eu digo as duas coisas ao mesmo tempo. Qualquer coisa que não seja isso é adulteração da Igreja de Cristo. Você pode até dizer que existem várias Igrejas, mas Deus não quis isso, está errado, é pecado. Entenda a divisão sempre como pecado, pois a divisão é fruto da concupiscência. Uma vez que sempre existiu essa divisão, sempre existiu esforços por manter ou restaurar essa unidade, e aqui falamos de esforços ecumênicos.

Vocês já ouviram essa palavra ecumênico em outro contexto que não esse de movimentos modernos: concílio ecumênico. Por exemplo: Concílio Ecumênico de Niceia, Concílio Ecumênico de Constantinopla, Concílio Ecumênico Vaticano II. Por causa dos movimentos modernos de ecumenismo, a ideia que vem de ecumênico é a de uma iniciativa onde há católicos, evangélicos e ortodoxos juntos. Não é isso. Calma, que nós vamos chegar ao movimento moderno, porém já se usava a palavra ecumênico antes de existirem divisões institucionais. O Concílio de Niceia, por exemplo, foi um concílio ecumênico.

A palavra “ecumênico” é uma palavra grega: *oikoumene*; *oikou* é casa, e *mene* pode ser traduzido por: terra habitada, mundo habitado, a casa de todos. Como assim, casa? A casa de Deus, que é a Igreja. Quando é batizada, a pessoa é inserida na casa de Deus, e para morar nessa casa é necessário que se compreenda que ela é de todos e que tem de haver unidade dentro dessa mesma casa, porque é única e tem de ser unida.

No século IV, em Niceia, onde pela primeira vez se utilizou o termo “Concílio Ecumênico”, a Igreja se organizava, e ainda se organiza, da seguinte forma: cada sucessor dos apóstolos é pastor de uma Igreja. Agora vamos entender o conceito de Igreja no cristianismo de todos os séculos: Igreja é a sucessora dos apóstolos com o seu povo ao redor, assim como era Cristo com o seu povo ao redor. Nós chamamos isso de Igreja particular. Por exemplo, nós estamos na Diocese de Osasco, que é uma Igreja particular. Nós temos um sucessor dos apóstolos, que é o nosso Bispo, e ao redor dele todo o seu povo. Osasco, Carapicuíba, Barueri, Cotia, Vargem Grande, Itapevi, até Ibiúna, Alumínio e todas as cidades que compõem a geografia dessa Diocese. Tudo isso é uma Igreja. Aqui ao lado, no Jaguaré, já começa outra Igreja, ou seja, os católicos daquela região estão sob o pastoreio de outro bispo. Nós chamamos isso de jurisdição canônica.

A Igreja Católica é a comunhão de Igrejas, e Igreja é uma Diocese. O conceito canônico original é este, o de comunhão de Igrejas. A maior autoridade de uma Igreja é o seu Bispo. O Papa é o Bispo da Igreja de Roma, que por ser a Igreja mãe governa e preside as outras Igrejas; porém ela preside na caridade. O bispo é a maior autoridade da Igreja, e no início da Igreja já era assim, e por isso as Igrejas eram chamadas Igrejas autocéfalas, ou seja, cada Igreja governa a si mesma. Então os apóstolos saíam, chegavam a um local e ali fundavam uma comunidade, uma Igreja; ficavam ali dois anos ou mais, e quando ela estava estruturada na fé eles ordenavam alguém que ficava como presbítero, como ancião daquela Igreja, e eles partiam para outro lugar.

Paulo fundou várias Igrejas: a Igreja de Corinto, a Igreja de Éfeso, a Igreja da Galácia, e assim por diante.

Por isso nós cremos na fé dos apóstolos, nós cremos naquilo em que nossos bispos creem, no que nos ensinam, seguimos a disciplina que eles impõem na sua Igreja, nossa obediência é direta a eles. Quem mantém a comunhão de todos os Bispos é o Papa; todos vão olhando para o Bispo de Roma e por isso ficam em comunhão, essa é a lógica. Não é que um olha para o outro, mas todos olham para o de Roma e vão mantendo a comunhão. Não estamos falando de uniformidade, e sim de comunhão, pois cada Igreja tem a sua realidade, o seu contexto e tudo mais.

Em Niceia começou a acontecer o que na verdade já acontecia em outros lugares mas de maneira regional: por exemplo, em Jerusalém, no capítulo 15 dos Atos dos Apóstolos, aconteceu um concílio, uma reunião, que foi para decidir se os cristãos vindos do paganismo tinham de ser circuncidados ou se o batismo era suficiente. Aquilo foi um Concílio; mas onde surgiu esse questionamento sobre circuncidar ou não? Foi especificamente em Antioquia e nas Igrejas da Ásia. Isso não era um problema em Jerusalém, não era um problema para os cristãos da Palestina, que eram todos vindo do judaísmo e, portanto, já eram todos circuncidados. Esse questionamento surgiu lá onde eram vindos do paganismo; mas não era um problema da Igreja toda, era um problema local. Em Niceia, no contexto do ano de 325, surgiu uma discussão sobre uma doutrina criada por um padre, o clérigo Ário, chamada arianismo. Ário dizia que Jesus era a primeira criatura de Deus, ou seja, não era Deus, era a primeira e mais perfeita criatura de Deus, que o Antigo Testamento chamava de Sabedoria divina; e essa Sabedoria se encarnou entre os homens. Assim, Jesus seria a encarnação do Verbo, da Palavra, mas a Palavra não é Deus, é algo de Deus, e portanto Jesus seria uma criatura de Deus, e não Deus como o Pai. Essa doutrina começou a se espalhar pelo mundo todo, de modo que naquele período, o século IV, oitenta por cento dos cristãos eram arianos. Isso encontramos numa coleção que foi traduzida

há poucos anos e que se chama *História do Dogma*. Todos acreditavam em Jesus, eram cristãos, mas para oitenta por cento dos cristãos daquele tempo Jesus era a criatura mais pura, mais bela e original de Deus, mas não era Deus.

O problema foi, repita-se, que essa doutrina se espalhou, e havia os cristãos da chamada ortodoxia, que não acreditavam nessa teoria: para eles Jesus é Deus, e começaram a surgir conflitos sérios. A unidade dos cristãos estava comprometida em torno desse dado de fé, porque não é um dado irrelevante o que nós cremos; é algo fundamental, pois nós temos de crer na mesma coisa. Se não cremos na mesma coisa, a divisão vai imperar. Havia necessidade de unir todas as Igrejas para resolver essa questão, e então pela primeira vez a Igreja realizou um concílio ecumênico, que é um concílio onde se reúnem todos os bispos de todas as Igrejas. É diferente de um sínodo, pois ao sínodo não vão todos os bispos do mundo, e sim alguns bispos representantes que são selecionados para auxiliar o Papa em alguma questão. Ao concílio ecumênico vão todos, e cada bispo vai responder pela sua Igreja. Isso é um concílio ecumênico, é da casa toda, todos os que moram na casa são representados ali, porque o que for decidido ali será acatado por todos. Podemos perceber então que o termo ecumênico é um termo utilizado bem antes do que hoje se entende por ecumenismo. Niceia deliberou e foi decidido o dogma da divindade de Cristo: Ele é o Filho, é Deus com o Pai, é Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado e não criado, consubstancial ao Pai, e por Ele todas as coisas foram feitas. Isso é o que está no Credo Niceno, de Niceia, do Concílio Ecumênico de Nicéia.

Todas as vezes que surgia uma querela de doutrina, ou de disciplina, era realizado um concílio ecumênico. Realiza-se um ato ecumênico todas as vezes em que está em risco a unidade da Igreja. O pau está quebrando na sua casa? Você vai juntar todo o mundo da sua casa, vai sentar-se na mesa e vai resolver, pois não pode haver divisão. Isso é ecumenicidade, é manter a unidade. Não é construir a unidade, pois quem construiu a unidade foi Cristo. A unidade é original, nós

recebemos a unidade de fábrica, Cristo já deu a unidade. Acontece que nós com o nosso pecado ficamos maculando, manchando, agredindo essa unidade, e por isso é necessário reintegrá-la. Aliás, o nome do documento do Concílio Vaticano II sobre o ecumenismo é *Reintegração da Unidade*. Ecumenismo não é a tentativa de fazer a unidade: ecumenismo é a tentativa de reintegrar, pois o plano original é a unidade de todos os da casa.

Esse termo sempre foi utilizado no contexto cristão. Ecumenismo é o esforço entre cristãos. Não se usa esse termo para falar em unidade com os não cristãos. Este é outro conceito que algumas pessoas têm, algo assim: vai haver um encontro ecumênico, e a pessoa imagina que estará lá um pai de santo, uma mãe de santo, uma bruxa, um monge budista. Mas isso não é ecumenismo. Isso tem nome também, também se faz, mas isso se chama diálogo inter-religioso. São coisas diferentes, e cada uma terá sua abordagem, a sua teologia. A Igreja tem a sua postura sobre cada uma; mas separem as duas coisas. No diálogo inter-religioso nós chamamos a mãe de santo, o xeique, o monge budista, e aí não há problema; mas, repita-se, o nome disso é diálogo inter-religioso, não é ecumenismo. Ecumenismo é entre cristãos. Usa-se para os que estão na mesma casa que é Cristo. Por cristãos, no mundo atual, entenda-se: católicos, protestantes e ortodoxos. Isso é cristianismo. Existem algumas Igrejas e instituições que se dizem cristãs, que reivindicam o status de cristãs, mas não são cristãs, como as Testemunhas de Jeová, os mórmons, os espíritas, por exemplo. O que determina quem é cristão ou não é o que nós chamamos de primazia do conceito. Um conceito nasce com sua originalidade. Assim, para sabermos o que é cristão, precisamos olhar o início do cristianismo e ver o que é cristianismo ali. Ou seja, se algo ou alguém se diz cristão, mas não é igual ao cristianismo do início, então ele trai a primazia do conceito, está utilizando o termo, mas o conceito não é o mesmo. O que define o cristianismo é basicamente o credo contido nos dois primeiros Concílios Ecumênicos, Niceia e Constantinopla, o credo niceno-constantinopolitano, que foi aprimorado pelos sete

primeiros concílios ecumênicos, que definiram a fé, a doutrina fundamental sobre Jesus Cristo, a cristologia da Igreja. Ela é definida até o sétimo concílio ecumênico, é essa a fé da Igreja.

Eu costumo dizer, com base história e na teologia, que cristianismo, na primazia do conceito, é até o Concílio de Constantinopla, pois já em Calcedônia, onde se deu o Terceiro Concílio Ecumênico, já houve uma ruptura de que pouco se fala; fala-se mais do cisma do Oriente, com os ortodoxos. Mas houve uma antes, já no século V, que foi a dos cristãos do Egito, os cristãos coptas. A Igreja de Alexandria não participou do Concílio de Calcedônia, na época da heresia monofisista. Sempre surgia uma heresia doutrinal, e os cristãos começavam a brigar para ver se acreditavam naquilo ou não. Concílio ecumênico para resolver! O concílio ecumênico era para resolver. O problema é que de Calcedônia uma Igreja se recusou a participar, ela se apartou: foi a Igreja de Alexandria, uma das cinco Igrejas-mãe. A Igreja de Alexandria não participou porque a Igreja egípcia era confessadamente monofisista.

Que Jesus era Deus, isso já fora resolvido em Nicéia. O problema é que nunca deixaram Jesus em paz. Resolveu-se em Niceia, mas cada vez arrumavam uma desgraça em cima de Jesus. Na Pessoa de Jesus existem duas naturezas: a humana e a divina, e isso foi resolvido em Niceia; e a maneira em que as duas se encontram foi resolvida em Constantinopla. O problema é que surgiu outra heresia dizendo que a divindade em Jesus é superior à humanidade, de tal forma que uma assume a outra, de modo que, embora seja homem e Deus, Ele é mais Deus do que homem. Isso é o que dizia o monofisismo, e então começaram as brigas a respeito disso, e foi feito o Concílio de Calcedônia. Mas, como dito, a Igreja de Alexandria não participou, e até hoje existem os coptas separados dos outros cristãos. Eles já não são tão monofisistas assim, mas mesmo assim continuam separados. Percebemos que querelas que causaram uma divisão são resolvidas lá na frente, mas a divisão não, o que se dá por causa do orgulho.

Entre as 95 teses de Lutero, temos a doutrina da justificação. O problema é que já foi feita uma declaração conjunta católico-luterana sobre a doutrina da justificação. Existe essa declaração, mas e daí? Não resolveu o problema, pois a divisão infelizmente é uma realidade muito mais profunda do que a mera doutrina, porque é pecado não é só discordância conceitual, é uma desgraça muito mais profunda. Sempre, quando surgem ameaças de divisão, a Igreja realiza um ato ecumênico. Os primeiros atos ecumênicos da Igreja foram nos concílios. Nós tivemos vinte e um concílios ecumênicos até hoje.

A Igreja copta se apartou, mas depois surgiu outro problema, no século XI, no ano de 1054. Naquele período o Império Romano já havia caído enquanto potência política, e o que mantinha a cultura romana era a Igreja, e havia duas Igrejas principais: a Igreja de Constantinopla e a Igreja de Roma, distantes geograficamente uma da outra. Já havia algumas disputas de caráter político sobre qual dessas Igrejas tinha mais domínio e influência sobre os cristãos. A gota d'água foi o que nós chamamos de querela do *Filioque*. O que é essa querela? Nós a entendemos pouco porque não temos o costume de rezar ou cantar na missa o Credo em latim. Peguem um dia o texto do Credo em latim. Lá está escrito assim: "Credo in uno Deum... Filioque procedit..." Que procede do Pai e do Filho, referindo-se ao Espírito Santo. Esta palavra, *Filioque*, quer dizer: Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, que procede do Pai e do Filho, e esse "e do Filho" é o *Filioque*; e foi a gota d'água para separar cristãos do Oriente e do Ocidente, porque o credo niceno-constantinopolitano, na sua origem, em Constantinopla em 481, foi escrito desta forma: "Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida e procede do Pai. E com o Pai e o Filho é adorado e glorificado". O original de Constantinopla só diz que procede do Pai, e que com o Pai e o Filho é adorado e glorificado. Foi a Igreja de Roma a que incluiu a partícula *Filioque*, sem realizar outro concílio. A Igreja de Roma decidiu que procede do Pai e do Filho, e Constantinopla não aceitou isso, considerou uma afronta. Já havia outras discussões políticas havia anos, mas essa foi a gota

d'água. E desde o ano de 1054 temos a Igreja do Oriente e as Igrejas do Ocidente, separadas enquanto instituições. As Igrejas do Ocidente mantiveram aquela estrutura antiga, de autocéfalas, em que cada bispo determina sua Igreja; mas não existe no Oriente nenhum bispo que aglutine as dioceses, as Igrejas, que eles chamam de heparquias. Na Igreja Romana temos as outras Igrejas, mas todas são obedientes à Igreja de Roma, todas olhando para a Igreja de Roma; no Oriente não se tem isso. Há a Igreja Antioquena, a Igreja Alexandrina, a Igreja Grega, a Igreja Russa, todas sem comunhão com o Bispo de Roma, sem comunhão com o Papa. Aqui, na Igreja de Roma, todas as Igrejas católicas estão em comunhão com o Bispo de Roma, e assim há uma grande Igreja do Ocidente, uma Igreja Romana, enquanto há várias Igrejas orientais. Não existe um organismo das Igrejas orientais que congregue todas, como há na Igreja Romana. A Igreja de Roma é o ponto de comunhão, a confirmadora da fé. O Bispo de Roma confirma os outros na fé. Essas Igrejas do Oriente são as que nós denominamos ortodoxas. As Igrejas ortodoxas são essas Igrejas que mantêm o mesmo rito, a mesma disciplina daquele período do século XI. Por isso elas são muito semelhantes, a nós porque tudo o que nós éramos no século XI elas são até hoje. Elas têm sacramentos, elas têm sucessão apostólica, ordenação, devoção à Santíssima Virgem, aos santos. Na sua estética e em diversos aspectos são Igrejas Católicas. Muito facilmente há pessoas que entram em Igrejas ortodoxas e não sabem que não é uma Igreja Católica.

No Oriente existiam as Igrejas que não se uniram à Roma. Ao longo da história algumas dessas voltaram à comunhão, mas mantiveram o rito. outras nunca romperam a comunhão. Os coptas não quiseram ir ao Concílio de Calcedônia, mas havia uma porção deles na Síria, que eram chamados jacobitas, e que se mantiveram fiéis à Igreja Romana, que os coptas chamavam de Igreja do Rei porque a Igreja de Roma era ainda a Igreja do imperador. Por isso os coptas chamavam aqueles sírios de melquitas, de os cristãos do rei e que não estão conosco. Embora estejam aqui na Síria, estão com o rei em Roma.

A diferença dessas Igrejas é que elas têm outro rito, outra liturgia, outras disciplinas, outros costumes, diferentes dos da Igreja de Roma, mas mantêm a comunhão plena com a Igreja de Roma.

Nós andamos com essa divisão do século XI até o século XVI, quando houve outra, e esta muito mais grave: a Reforma protestante. A Reforma é um fenômeno muito mais complexo do que parece. Lutero não foi o primeiro a lançar questionamentos doutrinários contra o Papa. Acontece que Lutero teve um golpe de “sorte” ao ter financiamento para o seu pensamento; mas existiram outros antes, já no século XV. No século XVI os príncipes da Alemanha financiaram o pensamento de Lutero como um pretexto para se apartar de Roma e não precisar enviar tributos financeiros para lá. Portanto, era um pensamento que legitimava uma estrutura política que eles desejavam e que era a ascensão dos principados na Alemanha. Lutero deu sorte, mas se os Estados emergentes tivessem acontecido no século XV talvez não haveria Igreja luterana, mas Igreja savonaroliana ou husiana. Usaram o pensamento de Lutero, que até tinha lá suas boas intenções, mas infelizmente se deixou levar por uma máquina política; e ele também forjou uma doutrina com seus conflitos pessoais. Você já deve ter assistido ao filme Lutero. Nele se mostra que havia muito dos conflitos pessoais de Lutero na doutrina que ele forjou. É mais ou menos assim: você olha a doutrina e, como ela lhe parece muito alta, em vez de se esforçar para alcançá-la, pega-a e abaixa-a, algo um pouco como o governo e a linha do analfabetismo no Brasil: diz-se que já não há analfabetos no Brasil. É fácil dizer isso se se abaixa a ideia de analfabetismo para saber assinar o nome, quando na verdade o conceito deveria ser mais alto, deveria ser no mínimo “ter a capacidade de elaborar e interpretar um texto”. Mas, como nessa condição quase não há gente, então é melhor diminuir o conceito, e foi isso o que foi feito no Brasil.

Não se abaixou analfabetismo nem linha da pobreza coisa nenhuma no Brasil, isso é corrupção ideológica. Para quem tem compromisso com a Doutrina Social, é importante ter compromisso com

os conceitos reais de dignidade humana. Quer dizer, o ser humano digno é o que assina o nome, ou é o que de fato tem acesso ao conhecimento em tal nível que ele tem incidência na realidade? Ele lê, ele escreve, ele elabora um pensamento. Isso é sair do analfabetismo.

Lutero fez mais ou menos isso: ele pega a doutrina da concupiscência, que nós chamamos de hamartiologia, o estudo sobre o pecado na teologia, e modifica a coisa. Ele distorce a teologia da graça para um nível mais confortável para si mesmo e cunha ali uma doutrina a que muita gente adere. O problema em si não é a doutrina de Lutero; o problema é o comportamento que Lutero teve, pois, se a doutrina fosse realmente aquilo que causou as reformas protestantes, as outras divisões, todas as Igrejas protestantes, seriam luteranas, e não são. O que abriu prerrogativa foi o comportamento de Lutero. Olharam para Lutero e disseram: “Ah! é possível rebelar-se contra a Igreja de Roma”, e foi essa atitude a que foi comprada por outros reformadores. Lutero tinha a sua doutrina, e as igrejas na Alemanha abraçaram a doutrina de Lutero; mas fora da Alemanha existiram outros reformadores que cunharam outras doutrinas. Então se tem na Alemanha Lutero, na França e na Suíça Calvino, Zuínglio, depois na Inglaterra Henrique VIII, depois na Suíça e na Holanda Menno Simons, que é pouco conhecido mas fez uma reforma própria. Esses são os principais reformadores, e todos os que vieram depois são adaptação da doutrina desses cinco. A partir desses cinco, o que implodiu a unidade que existia na Igreja foi o conceito de unidade visível. Lembrem-se da primeira nota da Igreja, una? Ou seja, tem de ser única e unida. Mas Lutero com a sua doutrina pensou: “De fato a igreja tem de ser única e unida, mas o que vai torná-la única na terra não é a unidade com um bispo, no caso o de Roma, mas a união com Cristo diretamente”. Foi isso o que Lutero fez, de modo de que quem é a Igreja verdadeira de Jesus só Ele sabe, pois é Ele quem sabe quem está unido a Ele. O mundo não tem condições de ver a Igreja como uma instituição visível. Lutero implodiu o princípio de unidade visível de Igreja. Então, se eu tenho fé em Jesus, por essa fé eu sou atingido por sua graça,

que me justifica e eu estou diretamente ligado a Ele, e, portanto, não preciso estar ligado a um sucessor dos apóstolos, a um sacerdote, não preciso estar ligado a ninguém para que a minha fé seja legítima e confirmada. A consequência disso foi que cada cristão se tornou o seu próprio Papa, cada um confirma a sua própria fé. De modo que, sem crise de consciência nenhuma, eu posso estar nesta Igreja ou naquela, pois a Igreja é apenas um meio para que eu alimente a minha fé, não para que eu me alimente da fé dela. É o catolicismo praticamente ao contrário, porque nós dizemos: “Eu creio na Igreja, una, santa, apostólica...”, razão por que a nossa fé é a fé da Igreja. Nós recebemos essa fé, e nos alimentamos dessa fé. Para Lutero não: a comunidade é fruto da minha fé com a sua fé. Para o luteranismo, a comunidade é a construção da fé dos indivíduos, e, portanto, a Igreja é um produto dos homens e não de Jesus. É daí que vem essa ideia de que Jesus não quis a Igreja visível; vem da Reforma protestante. Nós não cremos assim, porque não foi o que Jesus deixou: o grupo dos apóstolos era um grupo visível, e ninguém se arrogava ao cristianismo sem confirmação dos apóstolos.

172

Paulo diz na Carta aos Filipenses: “Eu vi Jesus na estrada de Damasco, tive uma experiência com ele, mas eu fui depois a Jerusalém, estive quinze dias com Pedro”, e então diz a frase sublime: “Para que eu não tivesse corrido em vão”. Paulo mesmo diz que se Pedro não tivesse confirmado a sua fé a experiência que fez com Jesus teria sido vã. É preciso ter a confirmação do outro, de uma pessoa, de um apóstolo, que neste caso era Pedro, e portanto dos seus sucessores. Essa é a fé católica com base na Escritura.

Outro princípio de Lutero foi a *sola Scriptura*, só a Bíblia. Nós estamos falando do século XVI, com a ascensão do racionalismo e da ciência empírica. Naquele período havia uma mentalidade de que para algo ser verdadeiro é necessário que haja um critério palpável, um instrumento que sirva como critério para julgar o certo ou o errado; e então Lutero diz que esse critério será a Bíblia, pois toda a fé está contida na Escritura. Se não estiver na Escritura, não é fé cristã.

Esta também não é a fé católica, porque a Escritura é na verdade resultado de algo anterior, que é a experiência dos apóstolos, que é o que nós chamamos de Tradição apostólica. Não existiria Escritura se não houvesse uma Tradição que foi posta por escrito, e portanto não se pode ler a Escritura desconectada da Tradição, e mais: aqueles que ensinam a Escritura e a Tradição estão imersos no Espírito em que a Escritura foi redigida e a Tradição foi transmitida. É o que nós chamamos de Magistério. É o tripé da revelação cristã: Escritura, Tradição e Magistério. Lutero suprimiu a Tradição e o Magistério; para ele não há nada disso, para ele é você, a sua fé e a Bíblia: é o suficiente. O problema é que eu, a minha fé e a Bíblia, você, a sua fé e a Bíblia, e mais ele, a fé dele e a Bíblia geram uma confusão, pois cada um vai lendo e entendendo de uma forma, e, como não há um Magistério e uma Tradição para estipular quais os critérios de razão e de verdade, isso fez com que várias denominações surgissem daí para a frente, as quais infelizmente não vão deixar de existir enquanto esse conceito de que a minha fé não precisa ser confirmada por ninguém, além da minha fé subjetiva, ainda existir. O protestantismo traz isso no seu bojo, na sua concepção.

O que há de gente que acaba entrando nesse terreno para querer disputar! Talvez já tenham chegado a você para dizer: “Mostre-me na Bíblia onde está”. E você fica que nem doido procurando. O problema é que você aceita a pergunta: não pode aceitar a pergunta; você tem que devolver a pergunta: “E quem disse que tem de estar na Bíblia?” Tem de estar na Bíblia? A Igreja não crê assim? Se a Igreja crê assim, é Tradição, é Magistério, e então isso é revelação tanto quanto se estivesse na Bíblia.

O protestante não vai aceitar o princípio da Tradição, e por isso qualquer discussão teológica terá de começar aqui: Qual o conceito, qual a ideia que você tem de Palavra de Deus? Porque para ele Palavra de Deus é só aquela que está escrita, e para nós Palavra de Deus está escrita e transmitida na fé da Igreja. É aqui que vai começar qualquer discussão, quando for para fazer uma discussão. Nós estamos

falando aqui de ecumenicidade, e a atitude ecumênica é buscar todos os meios necessários para que haja a unidade da casa.

Vejamos o que disse Papa Bento XVI:

“Não bastam as manifestações de bons sentimentos. Fazem falta gestos concretos que penetrem nos espíritos e sacudam as consciências, impulsionando cada um à conversão interior, que é o fundamento de todo progresso no caminho do ecumenismo”.

Não será suficiente a manifestação de bons sentimentos; é necessário algo mais. Algumas pessoas pensam que a unidade será reintegrada quando nós resolvermos as distinções doutrinárias, porém a história já mostrou que não vai ser assim, pois, como vimos anteriormente, já foi feita uma declaração bilateral católico-luterana sobre a justificação. O problema está resolvido do ponto de vista teológico. O problema que causou a Reforma já está resolvido, e muitas coisas que irritaram Lutero já nem existem. O padre da sua Igreja está vendendo indulgência? Já não existe venda de indulgências, que foi uma das coisas que irritaram Lutero. Então são razões históricas que já não existem, e, no entanto, a separação institucional permanece, porque nós não estamos falando de algo que repousa sua razão numa querela de doutrina: a razão da divisão é o pecado da divisão, é a carne. De modo que o pecado, uma vez cometido pelo homem, já não pode ser redimido por ele. A história da salvação mostra isso. Uma vez que Adão e Eva pecaram, eles não puderam satisfazer pelo seu próprio pecado, foi necessário que viesse o Salvador. Portanto, é Jesus quem tira o pecado. A mesma coisa acontece na história da Igreja: as divisões foram feitas, e, infelizmente, não seremos nós os que as vamos desfazer.

A ideia de um ecumenismo irenista, pacifista, onde todos vão se unir, dar as mãos com força, se abraçar, se beijar e rezar a oração da folhinha, e tudo será resolvido... Isso é ingenuidade! A questão é mais profunda que isso.

MENSAGEM DA PESSOA E O EVANGELHO DE JESUS CRISTO

Eu comecei falando do fundamento eclesiológico e do fundamento pneumatológico, e agora vamos voltar à pneumatologia. O Espírito é o autor da unidade, só Ele pode desfazer o que nós fizemos. O que nós podemos fazer é cooperar. Então entenda o movimento ecumênico atual como cooperação dos cristãos para que o Espírito reintegre a unidade perdida. É Ele quem vai reintegrar.

Todos esses encontros, todas essas iniciativas, não são outra coisa senão uma oferta de matéria-prima. Quando nós nos encontramos, estamos dizendo: “Senhor, nós estamos aqui oferecendo essa nossa tentativa de convivemos, de estarmos juntos como matéria-prima para que o Senhor, quando o Senhor quiser, e do jeito que o Senhor quiser, reestabeleça a unidade”. Eu gosto de repetir isso, porque nós vamos a esses encontros e retiros de ecumenismos e as pessoas usam expressões ingênuas: “Estamos aqui hoje expressando a unidade plena da Igreja”. Não estamos expressando, não, porque eu ainda me denomino católico, ela ainda se denomina luterana, ele ainda se denomina metodista, e não há nenhuma unidade perfeita; isso é ingenuidade. Eu entendo que esses termos são expressos por causa da angústia que a atividade ecumênica gera. Quando nós começamos a dialogar, e aqui não estou falando de conversar, estou falando de conviver, quando passamos a conviver de fato com um irmão de outra Igreja, vendo nele um irmão e não um rival, pois essa é a primeira atitude para que haja o ecumenismo, começamos a ver nele virtudes, qualidades, passamos a amá-lo, e isso é ecumenismo. Aquilo de nos vermos uma vez por ano não envolve amor nenhum. O ecumenismo começa com uma atitude interpessoal, com o conviver. Eu convivo com essa pessoa e começo a amá-la, e isso começa a gerar uma angústia: “Nós nos amamos tanto, nos damos tão bem, e estamos em Igrejas diferentes?” Isso gera uma angústia, gera uma tristeza, e você sente a dor que a divisão causou no corpo de Cristo.

A nossa tentação é usar um anestésico, um analgésico, para aliviar essa dor. Então vamos fazer o seguinte: “Você deixa um pouquinho de ser protestante, eu deixo um pouquinho de ser católico, e a gente se encontra aqui no meio”. Isso não é ecumenismo, pois se ele sai de lá e eu saio daqui e a gente se encontra no meio, em vez de fazer com que existam duas realidades separadas, estou criando uma terceira, estou gerando uma nova divisão – e isso não é ecumenismo. Muitos encontros do movimento ecumênico soam assim.

Uma vez nós tivemos uma reunião de um núcleo ecumênico na Diocese para fazer uma programação da semana de oração pela unidade dos cristãos, e uma das pessoas sugeriu que fizéssemos o encontro num lugar mais neutro, que não fosse a Igreja católica nem a Evangélica. Eu lhe disse que ela estava querendo criar outra coisa, ou seja, o movimento ecumênico como sendo outra coisa, e se ele não souber me amar na Igreja católica e eu não souber amá-lo na Igreja Evangélica não vai haver união nunca. Se ele me ama, vai entrar na Igreja sem ter aversão às imagens, ao Santíssimo, porque isso é amor. As pessoas ficam se apegando a detalhes, e portanto perder esse pudor humano e superar essas barreiras é fundamental. Neutralidade nunca foi postura ecumênica. Se consultarmos os concílios ecumênicos, veremos que todos os bispos iam a eles com o seu parecer, e a questão era discutida e decidida ali. Essa é a lógica da ecumenicidade. Ninguém vai para o diálogo em posição de neutralidade. Por isso costumo dizer que ecumenismo é comida sólida: não ponha na boca se você não tiver dente. Não se atreva ao ecumenismo quem não tem convicção profunda da sua fé, porque se não a tiver começa a andar com o ortodoxo e começa a se ortodoxizar, começa a andar com evangélicos e começa a se protestantizar, e não é essa a intenção do ecumenismo.

Esse conceito de Igreja invisível, que diz que Jesus não está preocupado com a Igreja, é equivocado. Jesus está preocupado, sim.

MENSAGEM DA PESSOA E O EVANGELHO DE JESUS CRISTO

Eu sou católico e creio que Ele deixou uma Igreja visível, e que está preocupado, sim; e todos os evangélicos com quem eu ando sabem que eu penso assim. Mas nós nos amamos tanto que isso não é motivo para brigarmos. Nós falamos disso, mas depois tomamos Coca-Cola. Quem vai ter de resolver isso é o Espírito Santo; isso não é problema meu. Infelizmente a divisão já foi feita. Vamos deixar um pouco o conceito de lado e falar sobre questões experienciais, pois nós lançamos o conceito, mas na prática ecumênica o conceito tem de estar em você para lhe dar a segurança plena. Mas todos os documentos ecumênicos são mais testemunhais do que teológicos, e nós estamos falando de restauração de relacionamentos.

O ecumenismo não é um esforço para resolver as diferenças, para, então, nós nos unirmos. Nós temos é de nos unir para resolver as diferenças. O pastor lá fazendo o culto, e o padre aqui rezando a missa. Nós não vamos nos encontrar nunca. Nós vamos esperar o problema se revolver? Quem vai resolver se não nos encontramos? Temos de nos encontrar, senão não vai se resolver. Nós temos de nos colocar um diante do outro e conviver.

Lá na paróquia há o Pastor Efigênio, com quem eu ando mais, e ele vai quase todo dia lá à paróquia, sobretudo na hora do café. Nós sempre oramos juntos. Às vezes chega alguém chorando, e nós pomos a mão na cabeça, rezamos juntos, e as pessoas ficam meio sem entender, e eu apresento: “Esse aqui é o Pastor Efigênio” Pastor? Crente? Protestante? “Sim ele é!” Ele se apresenta e as pessoas ficam meio sem entender. A verdade é que ele sabe que eu não concordo com o protestantismo, e ele sabe que eu sou católico. Quantas vezes ele chega e eu estou de estola atendendo. Mas essas coisas vão ser razões para nós dialogarmos e nos conhecermos ou vão ser cavalos de guerra? Enquanto nós fizermos das diferenças cavalos de guerra, não vamos resolver. Então ele vai lá em casa, quando tenho tempo o visito, e nós

convivemos. Quem vai acabar com essa divisão entre nós? Deus que se vire!

Nós estamos falando de confiança, e por isso comecei falando de pneumatologia, teologia da graça. Existe muito humanismo na Igreja. Nós achamos que tudo será resolvido com nossos planejamentos, nossos planos, com o que nós colocamos no papel e executamos; mas achar que tudo está nas nossas mãos é presunção.

Eu dei uma entrevista um tempo atrás, e a pessoa me perguntou: “Aonde vocês querem chegar com o ecumenismo e com essa coisa de ficar andando com evangélico?” Eu disse: “Eu quero chegar aonde João Paulo II disse que era para chegarmos: um dia nos sentarmos todos na mesma mesa; porém quem tem que nos levar até lá é Deus, e eu não sei como Ele fará isso. Ele é que é Deus, não sou eu. O que importa é que eu já cheguei aonde eu podia chegar, que é em estar com esse meu irmão e amá-lo. É o que eu posso fazer”. E eu amo o pastor, a esposa dele e o povo da Igreja dele porque eles são imagem de Deus, e porque o amor está em mim, e não porque são protestantes. Eu tenho essa atitude condenatória para com a doutrina protestante, mas não com o evangélico: ele é meu irmão e eu o amo de todo o meu coração. Ele vai se sentar na minha mesa, sim, ele vai à minha casa, sim, e nós vamos rezar juntos, sim. Agora é claro que ele não vai celebrar a missa comigo, é claro que não vai subir no presbitério. É claro que não vamos dizer que entre nós já não há nenhuma divisão, nenhuma diferença, pois é claro que há. Ele é pastor, e eu sou padre. Quando isso vai acabar eu não sei.

Nós temos sérios problemas em lidar com teologias cujos objetos não estão diante dos nossos olhos já resolvidos. Eu comparo o ecumenismo com o tratado de escatologia. Inventaram-se tantas heresias e distorções sobre escatologia porque não dá para falar muito de algo que ainda não aconteceu. Nós temos o dado revelado do que será, mas como será não sabemos, pois não aconteceu ainda. As pessoas perguntam qual a noção de tempo que a alma

tem fora do corpo, por exemplo, e eu não sei, pois nunca saí do corpo. Você já saiu? Nós temos o conceito de evo, de Tomás de Aquino na *Suma Teológica*, mas é um conceito que está lá elaborado; eu não tenho essa experiência. É a mesma coisa em relação à unidade plena da Igreja restaurada: não aconteceu ainda. Eu a desejo porque sou católico, e como católico eu prezo a primeira nota da Igreja. Ela é una, e tem de ser única e unida, e, se eu não posso fazê-la uma única Igreja, posso trabalhar para que ela seja unida; pessoalmente devo ter atitude de unidade.

Existem grupos mais intolerantes que dizem: “Eles, os protestantes, que saíram, eles é que têm de vir”. Mas a Igreja é mãe e mestra, e quando o filho sai de casa, por mais errado que ele esteja, a mãe vai atrás, a mãe o ama, mesmo que o errado seja o filho ela quer estar junto do filho. Se você quer partir desse pressuposto, de que os errados são eles, e que são eles os que saíram, que se apartaram, mas eu como católico sou da Igreja mãe, e não me pode causar essa divisão, esse estar apartado dele, uma indignação e um fechamento meu para com ele, então você é que estará errado. Pelo contrário, isso tem de me causar dor e um desejo de fazer por onde suprimir essa distância. Essa é a atitude eclesial, porque a minha Igreja sempre foi ecumênica nos concílios e tem de ser ecumênica na minha postura cristã. Portanto, eu vou estar com esse meu irmão.

Começaram alguns movimentos em prol disso no século XX. No ano de 1910 houve um congresso missionário em Edimburgo, na Escócia. Foi o primeiro esforço no século XX por unir Igrejas. No entanto, esse congresso foi entre igrejas protestantes; a Igreja Católica não participou desse congresso. Era um congresso missionário e foi feito porque os missionários protestantes na Ásia e na África perceberam que a divisão institucional bloqueava a credibilidade da evangelização. Os missionários chegavam para pregar na África, e o tribal africano olhava um metodista e um luterano, os dois cristãos, e um metendo o pau no outro, e pensava:

“Bom... então vocês primeiro resolvam o problema entre vocês e depois dizem em quem que eu tenho de votar, para qual Igreja eu vou”. Começou a se perceber que as divisões institucionais eram um bloqueio sério para a credibilidade do Evangelho. Sentiram o que Jesus disse no Evangelho de João, 17, 21: “Pai, que eles sejam um para que o mundo creia”. Ou seja, o mundo não vai crer se eles não forem um, porque se eles, que se dizem reconciliados, não se reconciliam, por que então eu vou me tornar cristão? Para ser dividido como eles são? Eu não! Vou ficar na minha macumba aqui, vou ficar no meu baseado, vou ficar no meu pecado, pois o mundo não vai se converter: porque nós depomos contra o que nós dizemos, uma mensagem que reconcilia.

Os missionários se uniram, e a postura do Congresso de Edimburgo era uma proposta de que as Igrejas fizessem concessões doutrinárias. Era essa, mais ou menos, a proposta da década de 10 à década de 50. Como assim? Exatamente daquela maneira com que a Igreja Católica não concorda: você deixa de ser isso, ele deixa de ser aquilo, e nós nos encontramos no meio-termo, num ponto de intersecção. Ou seja, para que haja paz, nós abrimos mão de algumas coisas.

Essa atitude tem um nome, chama-se irenismo. Irene em grego significa “paz”. Irenismo é pacifismo. É como se a paz entre nós fosse um valor tão absoluto que tudo merece ser sacrificado em prol dela, inclusive uma ideia de verdade absoluta. Então vamos abrir mão de achar que existe uma verdade absoluta, vamos nos unir e construir outra verdade. Está errado, isso é irenismo, e a Igreja sempre abominou essa ideia.

O Papa Pio XI escreveu em 1928 uma carta encíclica chamada *Mortalium animos* condenando o ecumenismo. Se vocês lerem essa carta, verão que o irenismo está profundamente condenado, porque nesse tempo o que existia sobre ecumenismo era esse irenismo pregado pela Conferência de Edimburgo, como desejo de unidade invisível edificada sobre concessões.

MENSAGEM DA PESSOA E O EVANGELHO DE JESUS CRISTO

O Papa Pio XI diz: “Não se constrói verdade alguma sobre concessões”. Essa história de eu abro mão aqui e você abre mão ali trai o princípio de que Cristo é a verdade, e de que a verdade plena foi revelada à humanidade. Existe, sim, uma verdade plena, absoluta e objetiva. Nós não podemos partir do princípio de que não há verdade, pois isso seria trair o fundamento do cristianismo, trair a cristologia de todos os tempos. Portanto, a Igreja não crê em unidade sem verdade objetiva. Unidade, sim, mas a unidade tem de ser construída sobre o fundamento da verdade. Não se trata de unir para criar uma verdade, mas de encontrar a verdade e a partir dela reintegrar a unidade. O termo “ecumenismo”, usado na encíclica, reflete o vigente movimento irenista. Isso é importante ficar claro, pois vira e mexe existem movimentos na Igreja, de cunho mais tradicionalista, que pegam a *Mortualium animos* para tentar condenar os movimentos ecumênicos atuais, dizendo que a Igreja já condenou o ecumenismo. Se a Igreja condenou o ecumenismo, o que é a *Unitatis redintegratio*, o que é a *Pacem in Terris*, etc.? Ou seja, se for jogo de futebol, está uns 6 x 1 para os outros Papas, e Pio XI ficou sozinho. A Igreja por acaso se desdiz, muda seu ensinamento? Não! A Igreja não se desdiz. O conceito de ecumenismo combatido por Pio XI continua a ser combatido. Não é esse ecumenismo o que nós fazemos, esse ecumenismo de concessões, esse ecumenismo irenista.

No Concílio Ecumênico Vaticano II se fala sobre a natureza da Igreja. Nós falamos anteriormente da *Lumen Gentium*. Existe também o Decreto *Unitatis Redintegratio*, que é o decreto sobre o ecumenismo do Vaticano II; e há também o Decreto *Orientalium Ecclesiarum*, sobre as Igrejas Orientais Católicas. São esses os dois textos que falam sobre o ecumenismo no Vaticano II.

No Brasil existe o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC, que é uma instância para expressar, para demonstrar a unidade, do qual fazem parte a Igreja Católica Apostólica Romana – ICAR, a Igreja Cristã Reformada – ICR, a Igreja Episcopal Anglicana do

Brasil – IEAB, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, a Igreja Sírio-Ortodoxa de Antioquia – ISSO e a Igreja Presbiteriana Unida – IPU.

Há também alguns outros documentos que vocês podem consultar, como o *Diretório para a Aplicação dos Princípios e Normas sobre o Ecumenismo*, de 1993, e *A Dimensão Ecumênica na Formação dos Que Trabalham no Ministério*, de 1998, ambos da Pastoral do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, que é a instância do Vaticano para promover o ecumenismo; e a Carta Encíclica *Ut unum sint*, do Papa João Paulo II, sobre o empenho ecumênico, de 1995: foi o último texto exclusivamente sobre o ecumenismo que nós temos na Igreja. Este documento é basicamente um compêndio, a compilação de tudo o que foi escrito no Vaticano II, de João XXIII a Paulo VI; e João Paulo II une essa doutrina pulverizada a outros documentos na *Ut unum sint*.

Durante muito tempo se pensou num ecumenismo apenas entre as Igrejas com histórico: católica, luterana, anglicana, metodista, ortodoxa, ou seja, as de cunho histórico, tradicionais. A partir da década de 1990 começou a se falar de diálogo pentecostal, porque na verdade o mundo protestante na sua maioria hoje é pentecostal. Quando Dom Ercílio na época me chamou para assessorar o ecumenismo na diocese, ele disse que havia pastores abertos, e eu lhe disse que os que não estavam abertos nós os abriríamos. Pois se tentou várias vezes e esses encontros não iam para frente porque se reduziu a ideia de ecumenismo às comunidades históricas, que, convenhamos, quase já não existem. Aqui, na nossa região, temos a Igreja Ortodoxa Armênia, a Ucrâniana, a Metodista, que se retirou do CONIC por razões internas, uma Presbiteriana independente, e uma única comunidade Luterana na diocese inteira, ou seja, se for para reduzir a ideia de ecumenismo às comunidades históricas, nós praticamente não vamos fazer ecumenismo, porque a verdade é que o seu amigo, o seu parente que é evangélico, é evangélico de Assembleia de Deus, de Cristã do




Brasil, é evangélico de Igreja Pentecostal, do reteté, do sapateio”, é de lá que ele é. Se não se pensar em ecumenismo com pentecostais, a ideia de ecumenicidade fica totalmente inócua.

Existe o documento *Diálogo Católico-Pentecostal* da década de 1990, que mostra que o veio carismático-pentecostal é o ponto de intersecção entre pentecostais e igrejas históricas. Uma das evidências da pneumatologia do século XX: 1) efusão de dons espirituais; 2) prática de carismas e 3) espontaneidade oracional. Nós temos quatro movimentos hoje que organizam o diálogo entre católicos e pentecostais: UNITED IN CHRIST (Canadá e EUA), ao qual eu vou todos os anos para pregar, o CRECES (Chile e Argentina), o ENCRISTUS (Brasil) que é a equipe da qual eu faço parte, e o KAIRÓS (Europa).

Dom Bergoglio, antes de ser o Papa Francisco, participava todos os anos desses encontros. Portanto, o Papa Francisco, quando fala em ecumenismo, tem esses movimentos com pentecostais em mente, pois era desses movimentos que ele fazia parte.

Há pouco tempo houve um caso de conversão no KAIRÓS, do Pastor Eckman, que saiu nas redes sociais. Eckman era um pastor da maior igreja pentecostal da Suécia, que tem trinta mil membros, e ele e a esposa pediram ingresso no catolicismo e foram aceitos. Acho muito difícil que ele tivesse vindo para o catolicismo se não houvesse o KAIRÓS. É preciso pararmos de brigar, pois, se não pararmos essa briga, Deus não terá matéria-prima para realizar a unidade.

A prática, a ação social, obviamente será um terreno de encontros, uma vez que se dialoga com esses irmãos e se está com eles no mesmo ambiente, no mesmo bairro, na mesma cidade, e se verificam as urgências sociais; é claro que vamos levantar essas bandeiras sociais em nome de Cristo. Nós temos feito na região de Vargem Grande e Cotia um trabalho de combate às drogas, pois a drogadição é um dos maiores problemas da nossa região. Os evangélicos têm várias iniciativas fragmentadas, e às vezes eles mesmos têm dificuldades para se entenderem entre si. Então nós começamos a fazer fóruns



ecumênicos, palestras ecumênicas. Eu organizei uma noite de oração para que Deus salvasse os nossos jovens das drogas. Vieram pastores, e quando eles nos veem rezando dizem: Nossa, padre que reza, não sabia que padre rezava!” Então eles já começam a andar com você, já simpatizam com você e já começam a querer trabalhar junto, e é claro que a ação social não só é possível, como necessária. Portanto, o ecumenismo é fundamental para a incidência social, porque as comunidades cristãs que estão no bairro não são todas católicas e é necessário encontrar esses pontos de intersecção espiritual, interpessoal, para podermos seguir em comunhão na realidade circundante.